

**TEORIA DA INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMO CONTEMPORÂNEO:
UMA ANÁLISE CRÍTICA DAS COMPLEXAS EXPERIÊNCIAS DAS MULHERES**

**INTERSECTIONALITY THEORY AND CONTEMPORARY FEMINISM: A
CRITICAL ANALYSIS OF WOMEN'S COMPLEX EXPERIENCES**

Layze Aparecida Machado¹
Eduardo Corrêa de Negreiros²

RESUMO: Este artigo destaca a importância da teoria da interseccionalidade no contexto do feminismo contemporâneo, enfatizando sua relevância para compreender as diversas experiências das mulheres. Explora como a interseccionalidade, ao considerar múltiplos fatores como raça, classe social e orientação sexual, oferece uma análise crítica das desigualdades de gênero. O estudo busca compreender como as identidades interseccionais moldam as experiências das mulheres, visando fortalecer o movimento feminista. Argumenta-se que uma aplicação efetiva da interseccionalidade proporciona uma compreensão mais precisa das complexidades das experiências femininas, possibilitando estratégias mais eficazes para alcançar a igualdade de gênero. Os objetivos incluem explorar as bases conceituais da interseccionalidade, analisar críticas e desafios na sua aplicação no feminismo, investigar estudos de caso que ilustrem as diversas dimensões das experiências femininas sob essa perspectiva, e avaliar o impacto político e ativista dessa abordagem. A pesquisa contribui para entender as interações entre identidades de gênero, raça, classe social, orientação sexual e outros fatores que influenciam as experiências das mulheres, com implicações práticas para os movimentos feministas e políticas públicas de igualdade de gênero. A base metodológica é a indutiva, como base lógica, além das técnicas do fichamento, categoria, conceito operacional e pesquisa bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdades sociais; Feminismo contemporâneo; Interseccionalidade; Movimento feminista.

ABSTRACT: This article highlights the importance of intersectionality theory in the context of contemporary feminism, emphasizing its relevance in understanding the diverse experiences of women. It explores how intersectionality, by considering

¹ Pós-graduada em Direito Público; Direito Constitucional Aplicado e em Lei Geral de Proteção de Dados. Bacharela em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí – Campus de Balneário Camboriú. E-mail: layzeapmachado@gmail.com.

² Doutorando em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Ciências Jurídicas e Especialista em Processo Civil (UNIVALI), professor efetivo do curso de graduação em Direito da Unisul e do curso Contabilizando o Direito do Conselho Regional de Contabilidade de Santa Catarina (CRCSC), advogado inscrito na OAB/SC. <http://lattes.cnpq.br/6606627766713458>.

multiple factors such as race, social class, and sexual orientation, provides a critical analysis of gender inequalities. The study seeks to understand how intersectional identities shape women's experiences, aiming to strengthen the feminist movement. It argues that an effective application of intersectionality offers a more precise understanding of the complexities of women's experiences, enabling more effective strategies to achieve gender equality. Objectives include exploring the conceptual foundations of intersectionality, analyzing criticisms and challenges in its application in feminism, investigating case studies that illustrate the various dimensions of women's experiences under this perspective, and assessing the political and activist impact of this approach. The research contributes to understanding the interactions between gender, race, social class, sexual orientation, and other factors that influence women's experiences, with practical implications for feminist movements and public policies on gender equality. The methodological foundation is inductive, relying on logical bases, in addition to techniques such as summarization, categorization, operational concept, and bibliographic research.

KEYWORDS: Social inequalities; Contemporary feminism; Intersectionality; Feminist movement.

1 INTRODUÇÃO

A busca pela igualdade de gênero tem sido uma luta constante no contexto das sociedades contemporâneas. No entanto, essa busca não pode ser compreendida de forma simplista, pois as experiências das mulheres são profundamente influenciadas por uma multiplicidade de fatores, incluindo raça, classe social, orientação sexual, entre outros. Nesse sentido, a teoria da interseccionalidade surge como uma ferramenta essencial para uma compreensão mais completa e crítica das complexas experiências das mulheres em diferentes contextos.

O problema central que motiva esta pesquisa reside na necessidade de compreender como as identidades interseccionais moldam as vivências das mulheres e como essa compreensão pode informar e fortalecer o movimento feminista. Em um cenário em que as questões de gênero são frequentemente abordadas de maneira homogênea, é crucial investigar como a interseccionalidade contribui para a análise crítica das desigualdades de gênero.

Nossa hipótese é que a aplicação efetiva da teoria da interseccionalidade ao feminismo contemporâneo proporciona uma compreensão mais precisa das

complexidades das experiências das mulheres, permitindo assim a formulação de estratégias mais eficazes na busca pela igualdade de gênero.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar criticamente as complexas experiências das mulheres sob a perspectiva da interseccionalidade e explorar como essa análise pode contribuir para o avanço das questões de gênero e para a promoção da igualdade.

Para alcançar o objetivo geral, propomos os seguintes objetivos específicos: examinar a teoria da interseccionalidade e suas bases conceituais; analisar as críticas e desafios que surgem na aplicação da interseccionalidade no contexto do feminismo; investigar estudos de caso e pesquisas que demonstram as diversas dimensões das experiências das mulheres em um contexto interseccional e avaliar o impacto político e ativista da abordagem interseccional no avanço dos direitos das mulheres e da igualdade de gênero.

A relevância deste estudo reside na sua contribuição para o aprofundamento da compreensão das complexas interações entre as identidades de gênero, raça, classe social, orientação sexual e outros fatores que moldam as experiências das mulheres. Isso não apenas enriquece o diálogo acadêmico, mas também tem implicações práticas significativas para os movimentos feministas e as políticas públicas de igualdade de gênero. A pesquisa busca fornecer uma base sólida para a formulação de estratégias mais inclusivas e eficazes na luta pela igualdade de gênero.

A base metodológica é a indutiva, como base lógica, além das técnicas do fichamento, categoria, conceito operacional e pesquisa bibliográfica.

2 ENQUADRAMENTO DA INTERSECCIONALIDADE: FUNDAMENTOS E CONTEXTO

A teoria da interseccionalidade é uma abordagem fundamental para a compreensão das experiências complexas e multifacetadas das mulheres em sociedades diversificadas e interconectadas. Esta seção visa explorar os fundamentos e o contexto dessa teoria, fornecendo uma base conceitual sólida para a análise crítica que será desenvolvida ao longo deste estudo.

A teoria da interseccionalidade inicia uma jornada de exploração, nos lembrando que o contexto que nos cerca é constantemente mais intrincado e cheio de contradições do que podemos prever de antemão. A teoria não oferece diretrizes rígidas e imutáveis para conduzir pesquisas feministas; em vez disso, ela inspira nossa imaginação a explorar novas e muitas vezes não convencionais abordagens na análise feminista. Ela incentiva cada acadêmica feminista a questionar criticamente suas próprias suposições, seguindo os caminhos de uma pesquisa feminista que seja reflexiva, crítica e ética. (DAVIS, 2008, p. 79).

A teoria da interseccionalidade encontra suas raízes em uma série de movimentos sociais e acadêmicos que emergiram ao longo do século XX. Ela se desenvolveu em resposta à necessidade de reconhecer as interconexões entre diferentes formas de opressão e discriminação. Movimentos como o feminismo, o movimento pelos direitos civis e a crítica pós-colonial desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento dessa perspectiva.

A origem da interseccionalidade remonta às lutas históricas por justiça social e igualdade. Movimentos como o movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos, o movimento feminista da segunda onda e os movimentos anticoloniais ao redor do mundo lançaram as bases para a compreensão das interseções entre diferentes formas de opressão. Por exemplo, no movimento pelos direitos civis, as mulheres negras, como bell hooks (1984) e Audre Lorde (1997), começaram a destacar as experiências únicas de discriminação enfrentadas por mulheres negras, indo além das questões de gênero ou raça isoladamente.

Desde os anos 1960, no movimento feminista, começaram a questionar por que só uma mulher, normalmente branca, de classe média, heterossexual e ocidental, era vista como representante de todas as mulheres. Isso ignorava que as mulheres são diferentes em termos de raça, classe social e orientação sexual. Por isso, desde a década de 1960, o feminismo negro tem criticado a predominância do discurso das mulheres brancas de classe média no movimento feminista hegemônico. Essa crítica se concentra principalmente no feminismo liberal, que é considerado individualista e reflete apenas os valores de um grupo privilegiado de mulheres, excluindo assim as experiências das demais mulheres. (ALABAU, 2020).

Em 1989, a jurista dos Estados Unidos, Kimberlé Crenshaw (1989, p. 139-167), cunhou esse termo e mais tarde aprofundou sua compreensão teórica, contribuindo significativamente para sua evolução. Contudo, mesmo o termo tendo ganhado destaque após Crenshaw trazer para discussão, a ênfase na combinação de diversas maneiras de diferenciação social e desigualdades, existe há muito tempo antes, e um dos momentos significativos desse movimento é associado às contribuições do influente manifesto de 1977 do *Combahee River Collective*.

O Manifesto do *Combahee River Collective* é um documento histórico e significativo no movimento feminista dos Estados Unidos. Foi publicado em 1977 pelo *Combahee River Collective*, um grupo de mulheres negras e feministas radicais.

O Manifesto do *Combahee River Collective* estreou pela primeira vez nas páginas do livro "*Capitalist Patriarchy and the Case for Socialist Feminism*," publicado pela *Monthly Review Press*. O Coletivo recebeu o nome em homenagem à operação de guerrilha liderada pela abolicionista Harriet Tubman em 2 de junho de 1863, resultando na libertação de mais de 750 homens e mulheres escravizados. O grupo inicialmente consistia em feministas negras proeminentes, como Barbara Smith, Beverly Smith e Demita Frazier, que se dedicaram a criar uma abordagem radical alternativa em contraste com as organizações lideradas por feministas brancas, bem como o movimento Black Power e as organizações de direitos civis dirigidas por homens negros. (PERRY, 2020). Em suma, nas palavras de Henning (2015, p.102-103):

Tratava-se de um coletivo de feministas negras e lésbicas baseado em Boston, entre 1973 e 1980, o qual defendia uma luta articulada não apenas contra a opressão sexual das mulheres, mas também contra outras formas de dominação e de desigualdades baseadas em racismos, heterossexismos e exploração por classe social.

Este manifesto enfatizou várias questões cruciais e foi um dos primeiros grupos a enfatizar a importância da interseccionalidade, reconhecendo que as experiências das mulheres negras são moldadas não apenas pelo sexismo, mas também pelo racismo. Eles argumentaram que o feminismo deve considerar essas interseções para ser verdadeiramente eficaz. O manifesto defendia a autodeterminação das mulheres negras, afirmando que elas deveriam ter o controle sobre suas próprias vidas e lutas,

em vez de serem ditadas por agendas brancas feministas. (COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, 1986).

Enquanto enfatizavam a importância da autonomia das mulheres negras, o *Combahee River Collective* também expressou a necessidade de solidariedade entre mulheres de todas as raças para enfrentar o sexismo e o racismo sistêmico. O manifesto instigou à ação e ao ativismo, enfatizando a importância de lutar por mudanças sociais concretas. O documento destacou a importância de construir uma consciência negra e feminista entre as mulheres negras, promovendo o empoderamento e a resistência. (COMBAHEE RIVER COLLECTIVE, 1986).

O *Combahee River Collective* e seu manifesto desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da teoria e da prática do feminismo interseccional nos Estados Unidos. Eles abriram caminho para discussões mais inclusivas e justas no movimento feminista, reconhecendo que as experiências das mulheres não são monolíticas e devem ser abordadas com sensibilidade às suas diversas identidades e realidades.

Após esse contexto histórico, passa-se então para a conceituação, e ao conceituar a interseccionalidade, Crenshaw (2002, p. 17) aclara que:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

Em suma, Crenshaw (2002, p. 17) explora a interseccionalidade como uma maneira de entender as complexas interações entre diferentes formas de subordinação, como racismo, patriarcado e opressão de classe. O foco está nas desigualdades fundamentais que moldam as posições de mulheres, raças, etnias e classes. Além disso, destaca como ações e políticas específicas podem contribuir para dinâmicas ativas de desempoderamento ao longo desses eixos.

Assim, é comum encontrar estudos que se baseiam nas obras de Crenshaw e adotam a interseccionalidade como uma ferramenta analítica. Isso ocorre porque a interseccionalidade se mostra altamente eficaz na análise de contextos e teorias a partir de uma perspectiva que considera diversas categorias além do gênero. A quebra da visão monolítica de análise e sua crescente popularidade são, sem dúvida, contribuições significativas das pesquisas que incorporam a teoria da interseccionalidade. (KYRILLOS, 2020).

Nessa senda, destaca-se as palavras de Marcia Tiburi (2018, p. 55):

[...] O feminismo interseccional, que reúne em si os marcadores de opressão da raça, do gênero e da sexualidade e da classe social, é evidente uma luta contra sofrimentos acumulados. Da dor de ser quem se é, de carregar fardos objetivos e subjetivos. A interseccionalidade das lutas nos leva a pensar que toda luta é luta “junto com” o outro, o companheiro, contra um estado de coisa injusto.

Leslie McCall (2005, p. 1771), argumenta que a interseccionalidade pode ser vista como uma das contribuições teóricas mais significativas geradas pelos estudos das mulheres, juntamente com outros campos afins, até este ponto.

Em resumo, a interseccionalidade se tornou fundamental no feminismo contemporâneo porque amplia a compreensão das desigualdades, garante a inclusão de mulheres marginalizadas e promove uma luta mais eficaz por igualdade de gênero que reconhece as complexidades das identidades e das experiências femininas. Ela não apenas enriquece o discurso feminista, mas também fortalece sua capacidade de efetuar mudanças positivas na sociedade.

Mas, embora a teoria da interseccionalidade tenha sido fundamental para a evolução do feminismo contemporâneo, não está imune a críticas e desafios. Uma das críticas frequentemente levantadas em relação ao feminismo interseccional é a complexidade que a análise interseccional pode apresentar. A interseccionalidade exige que se leve em consideração uma variedade de identidades sociais, o que pode tornar as análises mais intrincadas e desafiadoras. Alguns argumentam que essa complexidade pode dificultar a formulação de políticas e ações ativistas claras.

O feminismo interseccional, apesar de suas contribuições valiosas, não está isento de tensões e conflitos internos. Essas tensões muitas vezes emergem de

divergências de perspectivas entre ativistas e acadêmicos que se dedicam às questões interseccionais e aqueles que seguem abordagens mais tradicionais do feminismo. As diferenças de opinião podem se manifestar em debates sobre a melhor maneira de abordar questões de gênero e alcançar objetivos feministas.

Esses conflitos refletem a complexidade do movimento feminista como um todo, com diversas vozes e visões sobre estratégias de ativismo, definições de igualdade de gênero e a relação entre diferentes formas de opressão. As tensões também podem surgir quando algumas correntes do feminismo interseccional criticam abordagens mais tradicionais por não incluírem adequadamente a multiplicidade de identidades e experiências das mulheres.

Apesar dessas divergências internas, muitos defensores do feminismo interseccional veem a pluralidade de perspectivas como uma força, capaz de enriquecer o movimento e abordar questões de gênero de maneira mais abrangente e inclusiva. A resolução dessas tensões muitas vezes requer um diálogo aberto, reconhecimento das diferentes experiências e um compromisso contínuo com a construção de um movimento feminista mais robusto e eficaz.

A crítica à abordagem do feminismo interseccional, que se destaca entre as teorias feministas contemporâneas, gira em torno da preocupação com a possível fragmentação do movimento feminista. O feminismo interseccional reconhece e analisa as interseções de várias formas de opressão, como raça, classe social, gênero, orientação sexual, entre outras, e busca abordar as experiências de mulheres que enfrentam múltiplas formas de discriminação.

Uma das preocupações centrais levantadas por críticos é que essa abordagem pode levar à fragmentação do movimento feminista, dividindo as mulheres em subgrupos com base em identidades específicas. Por exemplo, mulheres negras, mulheres trans, mulheres de classe trabalhadora, entre outros. Esta fragmentação pode criar divisões dentro do movimento, dificultando a coesão e a mobilização em torno de objetivos comuns.

Alguns críticos argumentam que, ao focar em identidades específicas e nas experiências de opressão de determinados grupos, o feminismo interseccional pode negligenciar as experiências compartilhadas de todas as mulheres e minar a

solidariedade entre elas. Além disso, a fragmentação do movimento pode tornar mais difícil a criação de uma agenda unificada e a defesa de mudanças sistêmicas que beneficiem todas as mulheres.

No entanto, defensores do feminismo interseccional argumentam que essa abordagem é essencial para garantir que o movimento feminista seja verdadeiramente inclusivo e representativo de todas as mulheres, levando em consideração as diferentes formas de opressão que elas enfrentam. Eles afirmam que a fragmentação não é necessariamente prejudicial, mas sim uma forma de reconhecer a complexidade das experiências femininas e trabalhar para criar soluções que abordem essas múltiplas formas de discriminação.

Outro desafio importante diz respeito à inclusão e representação dentro do feminismo interseccional. Embora essa abordagem tenha o potencial de dar voz às experiências de grupos historicamente marginalizados, também é importante garantir que todas as vozes dentro do movimento sejam ouvidas. Isso inclui questões relacionadas à representação de mulheres de diferentes origens étnicas, sociais, econômicas e culturais. Ao enfrentar esse desafio, o feminismo interseccional busca garantir que as experiências de mulheres de diferentes contextos sejam reconhecidas e incorporadas nas discussões e nas agendas do movimento. Isso não apenas promove uma compreensão mais abrangente dos desafios enfrentados por mulheres, mas também fortalece a solidariedade entre diferentes grupos, construindo uma base mais inclusiva e representativa para a busca da igualdade de gênero.

Além disso, há discussões sobre as limitações da teoria da interseccionalidade em si. Alguns críticos argumentam que a teoria, embora valiosa, não fornece orientações claras sobre como abordar questões interseccionais na prática. Isso levanta questões sobre como traduzir conceitos interseccionais em políticas e ações concretas. A implementação efetiva da interseccionalidade também é uma área de desafio. Muitas vezes, a aplicação de uma perspectiva interseccional em políticas e práticas requer uma mudança significativa na forma como as instituições operam. Isso pode ser resistido por estruturas existentes e requer um compromisso significativo com a inclusão e a equidade.

Quanto à complexidade da teoria interseccional, defensores enfatizam a importância da educação e do diálogo contínuo para garantir que os conceitos interseccionais sejam compreendidos e aplicados de maneira significativa. Eles argumentam que a teoria interseccional oferece uma estrutura analítica poderosa para informar políticas e práticas feministas mais inclusivas e eficazes.

Nessa senda, destaca-se o que Patricia Hill Collins (2015, s.p.) aduz:

A interseccionalidade pode ser conceituada como um projeto de conhecimento abrangente cujos contornos em constante mudança surgem e respondem às formações sociais de complexas desigualdades sociais. Dentro dessa abordagem abrangente, a interseccionalidade também pode ser conceptualizada de maneira proveitosa como uma constelação de projetos de conhecimento que se modificam em relação uns aos outros, em conjunto com as mudanças nas comunidades interpretativas que os promovem. O projeto de conhecimento mais amplo fornece um conjunto de ideias que oferecem momentos de consenso definicional. As estruturas interseccionais abrangentes têm sido bem-sucedidas porque permanecem amplas e não especificadas. Elas proporcionam a ilusão de que a constelação de projetos de conhecimento menores pode ser categorizada de forma acrítica sob o amplo guarda-chuva da interseccionalidade. No entanto, os conjuntos de praticantes que reivindicam a interseccionalidade por meio de múltiplos projetos de conhecimento interseccionais, cruzados e competitivos, revelam a falta de consenso sobre a história, organização atual e direções futuras da interseccionalidade. O dilema definicional da interseccionalidade ocorre nesse espaço intelectual e político.³

Em suma, Collins (2015) ao falar sobre a interseccionalidade, entende que é como olhamos para as diferentes formas de desigualdade social ao mesmo tempo. Ela compara isso a um grande projeto de conhecimento que está sempre mudando

³ Uma tradução livre do original: “*Intersectionality can be conceptualized as an overarching knowledge project whose changing contours grow from and respond to social formations of complex social inequalities; within this overarching umbrella, intersectionality can also be profitably conceptualized as a constellation of knowledge projects that change in relation to one another in tandem with changes in the interpretive communities that advance them. The broader knowledge project provides a set of ideas that provide moments of definitional consensus. Overarching intersectional frameworks have been so successful because they remain broad and unspecified. They provide the illusion that the constellation of smaller knowledge projects can be uncritically categorized under intersectionality’s big tent umbrella. Yet the sets of practitioners that lay claim to intersectionality via multiple cross-cutting and competitive intersectional knowledge projects reveal a lack of consensus about intersectionality’s history, current organization, and future directions. Intersectionality’s definitional dilemma occurs in this intellectual and political space.*” (COLLINS, 2015, s.p.).

para se adaptar às complexas questões sociais. A interseccionalidade também é vista como uma coleção de ideias que evoluem junto com as mudanças nas comunidades que as promovem. Mesmo sendo bem-sucedida ao permanecer ampla e não muito específica, Collins (2015) destaca que diferentes grupos que usam a interseccionalidade não concordam sobre sua história, organização atual e para onde ela deve ir no futuro. O problema da definição da interseccionalidade acontece nesse contexto de debates intelectuais e políticos. Collins (2015).

A bagagem que a interseccionalidade carrega atualmente difere da bagagem que ela carregava durante essas décadas de incorporação acadêmica (PARKER, SAMANTRAI, 2010, p. 1-33). Patricia Hill Collins (2015) chama atenção para o fato de que atualmente, a interseccionalidade está no centro das atenções, atraindo tanto especialistas autodeclarados quanto críticos de suas ideias e potencial. Muitos desses críticos parecem esquecer ou demonstrar desconhecimento em relação à amplitude dos projetos de conhecimento interseccionais. Em uma análise dos recursos retóricos presentes em artigos que abordam críticas à interseccionalidade. Patricia Hill Collins (2015, s/p.).

Acerca disso, aduz Tomlinson (2013, p. 996):

Muitos críticos abordam a interseccionalidade de maneira descuidada, através de meta-comentários, queixas e recomendações para controlar sua crítica radical ao advogar o uso de métodos disciplinares específicos, sem reconhecer que tais métodos podem há muito tempo ser criticados por servirem ao discurso dominante. Os críticos assumem que sua tarefa é criticar a interseccionalidade, não promover a capacidade da interseccionalidade de criticar a subordinação.⁴

Apesar dessas críticas e desafios, é importante notar que a teoria da interseccionalidade continua a desempenhar um papel vital no avanço do feminismo contemporâneo. Ela oferece uma estrutura para entender as complexas interações

⁴ Uma tradução livre do original: “*Many critics approach intersectionality carelessly, however, through meta-commentary and complaint and through recommendations to bring its radical critique under control by advocating recourse to specific disciplinary methods—without acknowledging that such methods may have long been criticized for their service to dominant discourse. Critics assume that their task is to critique intersectionality, not to foster intersectionality’s ability to critique subordination*” (Tomlinson, 2013, p. 996).

entre diferentes formas de opressão e discriminação e tem o potencial de informar estratégias mais inclusivas e eficazes na luta pela igualdade de gênero.

Ao compreendermos os fundamentos e o contexto da interseccionalidade, podemos aplicar essa lente analítica para examinar as vivências multidimensionais das mulheres. Essa perspectiva nos permite ir além de análises simplistas que focam em apenas um aspecto da identidade, como gênero, raça ou classe social. A interseccionalidade reconhece que as experiências das mulheres são moldadas por uma complexa intersecção de fatores, incluindo gênero, raça, classe social, orientação sexual, identidade de gênero, religião, entre outros.

Ao explorarmos as vivências multidimensionais das mulheres através da interseccionalidade, podemos identificar as desigualdades e discriminações que elas enfrentam em diferentes esferas da vida. Essa análise crítica nos permite desconstruir estereótipos e visões homogêneas que mascaram a diversidade das experiências femininas; compreender as diferentes formas de opressão que se interseccionam e impactam as mulheres de maneira complexa e específica; visibilizar as lutas e resistências das mulheres que se mobilizam por seus direitos e por uma sociedade mais justa e igualitária.

No próximo tópico, abordaremos as vivências multidimensionais das mulheres sob a ótica da interseccionalidade. Analisaremos como diferentes fatores se interconectam para moldar as experiências das mulheres em diferentes contextos sociais.

3 VIVÊNCIAS MULTIDIMENSIONAIS: UM OLHAR INTERSECCIONAL SOBRE AS EXPERIÊNCIAS FEMININAS

A teoria da interseccionalidade, ao examinar as experiências das mulheres sob uma lente multidimensional, revela a complexidade intrínseca à identidade de gênero e às diversas identidades sociais. Esta seção se concentra em como a teoria da interseccionalidade permite uma análise mais abrangente das experiências femininas, reconhecendo que as vivências das mulheres não podem ser compreendidas de

maneira isolada, mas devem ser contextualizadas em relação a uma série de fatores interconectados.

As identidades sociais das mulheres são multifacetadas e interdependentes. Além da identidade de gênero, as mulheres também carregam consigo identidades relacionadas à raça, classe, orientação sexual, religião, etnia e deficiência, entre outras. Essas identidades não operam de forma isolada, mas se entrelaçam, moldando as experiências individuais de maneira única.

Reconhecer a natureza multifacetada e interdependente das identidades femininas é fundamental para compreender as desigualdades que as mulheres enfrentam. O feminismo interseccional busca justamente levar em conta essas interseções para desenvolver abordagens mais abrangentes e inclusivas na luta pela igualdade de gênero. Essa compreensão mais completa e sensível é crucial para garantir que as políticas e ações feministas abordem as diversas experiências e desafios enfrentados por mulheres em toda a sua diversidade.

A perspectiva interseccional nos permite entender que, embora todas as mulheres enfrentem desafios relacionados ao gênero, esses desafios são frequentemente amplificados ou modificados pelas outras identidades sociais que possuem. Por exemplo, mulheres negras podem enfrentar formas específicas de discriminação que são diferentes das experimentadas por mulheres brancas, criando uma complexidade adicional nas experiências das mulheres. A interseção de identidades raciais e de gênero cria uma rede intrincada de desafios e obstáculos únicos para as mulheres negras. Essa complexidade adicionada destaca a importância de uma abordagem interseccional ao feminismo, que não apenas reconhece, mas prioriza a compreensão das experiências diversificadas das mulheres.

Para exemplificar, essa diferença entre as mulheres, temos como exemplo a figura histórica de Sojourner Truth, uma mulher afro-americana que viveu a experiência da escravidão, personagem criada por Brah e Phoenix (2004, p. 76-77), que segundo as autoras, o discurso de Truth reflete a complexidade de sua posição, que se encontrava entre o movimento anti-escravidão do Sul dos Estados Unidos e as incipientes demandas das mulheres brancas do Norte. Esse cenário deve ser

compreendido no contexto histórico e cultural do século XIX, período marcado por importantes movimentos sociais, como a busca pelo direito de voto das mulheres, pelas liberdades individuais e pela abolição da escravidão. Truth, ao refletir sobre o conjunto interligado de desigualdades que afetava não apenas a si mesma, mas também outras mulheres negras, levantou a seguinte questão:

Aquele homem lá diz que uma mulher precisa ser ajudada ao entrar em carruagens, e levantada sobre as valas, e ficar nos melhores lugares aonde quer que vá. Ninguém me ajuda em lugar nenhum! E eu não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para o meu braço. Eu arrei, eu plantei e eu recolhi tudo para os celeiros. E nenhum homem pode me auxiliar. E eu não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem [...] e suportar o chicote tão bem quanto! E eu não sou uma mulher? Eu dei à luz a crianças e vi a maior parte delas ser vendida como escravas. E quando eu chorei com o sofrimento de uma mãe, ninguém além de Jesus me ouviu. E eu não sou uma mulher?⁵ (BRAH, PHOENIX, 2004, p. 77).

Ao abordar a questão de como as mulheres deveriam ser cuidadas e tratadas de maneira diferenciada, Truth expõe a disparidade entre as experiências das mulheres brancas e as mulheres negras. Ela destaca a ironia de ser considerada menos merecedora de assistência e respeito, apesar de seu trabalho árduo, força física e habilidades comparáveis às dos homens.

A narrativa de Truth revela as interseções complexas de sua identidade, situada entre o movimento anti-escravidão no Sul e as demandas incipientes das mulheres brancas do Norte. Suas palavras ressoam com a luta não apenas pela igualdade de gênero, mas também pela igualdade racial em um período crucial da história dos Estados Unidos, marcado por movimentos sociais significativos.

Ao discutir sua experiência de dar à luz a crianças, testemunhar a venda de seus filhos como escravos e suportar o sofrimento sem ser ouvida, Truth destaca as

⁵ Uma tradução livre do original: "*That man over there says that a woman needs to be helped into carriages, and lifted over ditches, and to have the best place everywhere. Nobody ever helps me into carriages or over mud puddles, or gives me any best place! And ain't I a woman? Look at me! Look at my arm! I have plowed and planted and gathered into barns, and no man could head me. And ain't I a woman? I could work as much and eat as much as a man... and bear the lash as well! And ain't I a woman? I have borne thirteen children, and seen most all sold off to slavery, and when I cried out with my mother's grief, none but Jesus heard me. And ain't I a woman?*" (BRAH, PHOENIX, 2004, p. 77).

interseções únicas de sua experiência como mulher negra. Seu discurso é um apelo poderoso à consciência das desigualdades entrelaçadas de gênero e raça, contribuindo assim para a compreensão da interseccionalidade na luta por direitos e igualdade.

Essa análise permite uma compreensão mais profunda das maneiras pelas quais múltiplas identidades sociais podem afetar o acesso a recursos, oportunidades e tratamento social. Ao reconhecer a interseccionalidade, o feminismo se expande para uma compreensão mais inclusiva das questões de gênero. Em vez de ver as mulheres como um grupo homogêneo, essa perspectiva reconhece a diversidade de experiências e desafios que as mulheres enfrentam. Isso, por sua vez, permite o desenvolvimento de estratégias feministas mais abrangentes e eficazes.

É crucial reconhecer que a aplicação da interseccionalidade, embora seja uma abordagem valiosa, também apresenta desafios significativos. A complexidade da análise interseccional pode tornar o entendimento e abordagem das questões mais intrincadas, demandando uma atenção especial para as nuances das interações entre diferentes formas de opressão.

Além disso, a necessidade de políticas e ações feministas sensíveis a essas complexidades destaca a importância de um compromisso contínuo com a inclusão de todas as vozes femininas. Isso implica em reconhecer as diversas experiências e identidades das mulheres, considerando cuidadosamente as interseções entre raça, classe, gênero, sexualidade e outras dimensões.

Garantir que as ações feministas sejam verdadeiramente inclusivas e eficazes requer uma abordagem holística⁶, onde as políticas são desenvolvidas levando em conta as realidades interseccionais. Isso não apenas amplia a representatividade, mas também fortalece a capacidade do movimento feminista de abordar as desigualdades de maneira mais abrangente e justa. O compromisso contínuo com a reflexão crítica

⁶ Em vez de analisar um fenômeno de maneira fragmentada ou isolada, uma abordagem holística busca entender a totalidade do sistema, reconhecendo as inter-relações entre suas diferentes partes. No contexto do feminismo interseccional, uma abordagem holística implicaria considerar e integrar as diversas dimensões de identidade, como gênero, raça, classe social, orientação sexual, entre outras, ao desenvolver políticas, estratégias e ações feministas. Isso significa reconhecer que as experiências das mulheres são moldadas por uma multiplicidade de fatores interconectados e que as soluções para desigualdades de gênero devem levar em conta essa complexidade.

e a adaptação das estratégias é fundamental para superar esses desafios e construir um movimento feminista mais robusto e equitativo.

Ao examinarmos as vivências multidimensionais das mulheres sob a ótica da interseccionalidade, torna-se evidente a necessidade de ação política e social para combater as desigualdades e discriminações que elas enfrentam. A compreensão das diferentes formas de opressão que se interseccionam e impactam as mulheres em suas diversas realidades é fundamental para a construção de estratégias eficazes de luta por seus direitos.

Nesse contexto, a mobilização política e o ativismo interseccional assumem um papel crucial. Através da organização e da ação coletiva, as mulheres se mobilizam para exigir reconhecimento e respeito para suas diversas identidades e experiências; combater estereótipos e visões homogêneas que as marginalizam e silenciam, promover mudanças sociais e políticas que garantam seus direitos e construam uma sociedade mais justa e igualitária.

No próximo tópico, exploraremos as diferentes formas de mobilização política e ativismo interseccional. Analisaremos as perspectivas, os desafios e o impacto dessa luta por uma sociedade mais justa e inclusiva para todas as mulheres.

4 MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E ATIVISMO INTERSECCIONAL: PERSPECTIVAS E IMPACTO

Esta seção se dedica a explorar a mobilização política e o ativismo interseccional como uma força dinâmica no cenário feminista contemporâneo. Vamos analisar como a interseccionalidade tem informado e moldado os movimentos ativistas, bem como os impactos notáveis que essas perspectivas diversificadas têm tido nas lutas por igualdade de gênero.

Nos últimos anos, temos testemunhado um aumento significativo na mobilização política que adota uma abordagem interseccional. Esse ativismo reconhece a necessidade de considerar múltiplas dimensões de identidade ao abordar questões de gênero e, assim, busca representar e dar voz a uma gama mais ampla de mulheres. A interseccionalidade tem sido central em movimentos como o

feminismo negro, o feminismo LGBTQIA+ e o ativismo pela justiça social, contribuindo para uma compreensão mais rica das experiências das mulheres em todas as suas diversidades.

Os movimentos ativistas interseccionais têm influenciado diretamente a formulação de políticas e as agendas políticas em muitos contextos. Eles desafiam a visão tradicional do feminismo e destacam questões que historicamente foram marginalizadas ou negligenciadas. Isso inclui a consideração de políticas que abordam não apenas desigualdades de gênero, mas também questões relacionadas à raça, classe, orientação sexual, identidade de gênero e outras identidades interseccionais. Essa abordagem mais abrangente visa a construção de um mundo mais igualitário para todas as mulheres, independentemente de suas identidades.

No cenário feminista contemporâneo, a mobilização política e o ativismo interseccional emergem como forças dinâmicas, moldando de maneira significativa a busca por igualdade de gênero. À medida que examinamos de perto esses exemplos, torna-se evidente que o ativismo interseccional vai além de uma teoria abstrata; ele é uma força catalisadora que se manifesta em ações tangíveis e estratégias inovadoras. Em seguida, lista-se breves exemplos que ilustram não apenas a complexidade das experiências das mulheres, mas também delineiam as práticas concretas adotadas por ativistas para abordar uma multiplicidade de identidades e desafios:

#SayHerName: Esta campanha, iniciada para chamar a atenção para mulheres negras que foram vítimas de violência policial, destaca a interseção de raça e gênero na luta por justiça e igualdade; *Marcha das Mulheres (Women's March)*: Eventos como a Marcha das Mulheres, realizada globalmente, incorporam uma abordagem interseccional ao abordar questões relacionadas a gênero, raça, classe e outras identidades. A marcha visa criar uma coalizão inclusiva de mulheres de todas as origens; *#MeToo* e *#TimesUp*: Embora inicialmente tenham se concentrado nas questões de assédio sexual, esses movimentos também destacam a interseção de poder, gênero e classe, abordando desafios enfrentados por mulheres de diferentes contextos; *Black Lives Matter (Vidas Negras Importam)*: Enquanto se concentra nas questões raciais, o movimento *Black Lives Matter* reconhece e destaca as experiências únicas de mulheres negras, proporcionando uma perspectiva

interseccional à luta contra a violência sistêmica; Campanha *#TransRightsAreHumanRights*: Ativistas transgêneros têm liderado campanhas para reconhecimento e proteção dos direitos trans, destacando a interseção entre identidade de gênero e outros fatores sociais; *#NiUnaMenos*: Originada na América Latina, essa campanha aborda a violência de gênero e feminicídio, reconhecendo as interseções de classe, raça e outras formas de opressão que afetam as mulheres; e *#DisabledAndCute*: Movimentos nas redes sociais, como *#DisabledAndCute*, celebram a beleza e a dignidade de pessoas com deficiência, destacando as interseções entre identidade de gênero e deficiência.

Esses são apenas alguns exemplos que demonstram a diversidade de questões interseccionais abordadas pelo ativismo contemporâneo.

Ao explorar esses casos, buscamos não apenas entender, mas apreciar a riqueza das estratégias interseccionais e seu impacto direto na formulação de políticas, nas agendas políticas e na conscientização pública. Estes exemplos concretos refletem a dinâmica real do ativismo interseccional, oferecendo uma visão inspiradora de como as lutas por igualdade de gênero estão sendo moldadas e impulsionadas por perspectivas diversificadas e inclusivas.

O ativismo interseccional tem demonstrado um impacto significativo na participação e no engajamento de mulheres em movimentos políticos. Ele tem a capacidade de atrair uma base mais diversificada de apoiadores e mobilizar pessoas que anteriormente se sentiam excluídas ou invisíveis dentro do feminismo tradicional. Isso não apenas fortalece os movimentos, mas também aumenta a conscientização e a influência de questões interseccionais em toda a sociedade.

No entanto, o ativismo interseccional também enfrenta desafios, como a necessidade de lidar com divisões internas e abordagens conflitantes dentro do movimento. A busca de consenso em torno de uma ampla gama de questões interseccionais pode ser complexa. Além disso, a oposição de grupos e indivíduos que resistem a uma abordagem mais inclusiva também representa desafios significativos.

Logo, vê-se o papel fundamental do ativismo interseccional na mobilização política contemporânea e na busca por igualdade de gênero. Ao incorporar perspectivas interseccionais, os movimentos feministas estão mais bem equipados

para abordar a complexidade das experiências das mulheres e trabalhar em direção a uma sociedade mais justa e inclusiva para todas, independentemente de sua identidade de gênero ou outras identidades sociais interseccionais.

5 CONCLUSÃO

A teoria da interseccionalidade emergiu como um farol orientador fundamental no feminismo contemporâneo, proporcionando uma lente analítica poderosa que amplia nossa compreensão das complexas experiências das mulheres. Ao longo deste artigo, exploramos os fundamentos e o contexto da interseccionalidade, examinamos as críticas e desafios dentro do feminismo interseccional, e lançamos um olhar aprofundado sobre as vivências multidimensionais das mulheres. Também consideramos o impacto transformador da mobilização política e do ativismo interseccional.

A interseccionalidade, ao reconhecer as múltiplas identidades interconectadas que moldam as experiências das mulheres, enfatiza a importância da inclusão, dando voz às mulheres marginalizadas e trazendo à tona questões historicamente negligenciadas. Isso, por sua vez, enriquece o movimento feminista, tornando-o mais inclusivo, diversificado e representativo.

Ao enfrentar os desafios do feminismo interseccional, reconhecemos a complexidade das identidades e das desigualdades sociais, bem como a necessidade de lidar com divisões internas. No entanto, esses desafios não obscurecem a visão, mas a aprimoram, possibilitando uma análise mais profunda e uma abordagem mais abrangente para a igualdade de gênero.

A interseccionalidade não é apenas uma teoria; é um chamado à ação. Ela nos lembra que a luta pela igualdade de gênero não pode ser isolada de outras lutas por justiça social. Ela nos incentiva a construir alianças sólidas e a considerar as interseções de identidades em todas as nossas ações feministas.

À medida que o feminismo contemporâneo evolui, a interseccionalidade permanece como sua bússola, guiando-o em direção a um futuro mais inclusivo e equitativo. À medida que continuamos a analisar criticamente as complexas

experiências das mulheres, estamos unidos pelo compromisso de construir uma sociedade onde todas as mulheres, independentemente de suas identidades interseccionais, possam desfrutar plenamente de seus direitos e liberdades, e onde a igualdade seja verdadeiramente para todas.

REFERÊNCIAS

- ALABAU, Irene. **Feminismo interseccional: o que é, tipos, autoras e frases**. Psicologia online. 2020. Disponível em: <https://br.psicologia-online.com/feminismo-interseccional-o-que-e-tipos-autoras-e-frases-359.html>. Acesso em 27 de set. de 2023.
- BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. **Ain't I A Woman? Revisiting intersectionality**. Journal of International Women's Studies Vol 5 (3), 2004.
- COMBAHEE RIVER COLLECTIVE. **The Combahee River Collective Statement**. Boston: Kitchen Table: Women of Color Press, 1986.
- COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality's definitional dilemmas**. Annual Review of Sociology. Vol. 41:1-20. 2015.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. The University of Chicago Legal Forum, n. 140, p. 139-167, 1989.
- CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, 10 (1): 171-188, 2002.
- DAVIS, Kathy. **Intersectionality as buzzword, a sociology of science perspective on what makes a feminist theory successful**. Feminist Theory, vol.9, 2008, p. 67-85.
- HENNING, Carlos Eduardo. **Interseccionalidade e pensamento feminista: As contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença**. Mediações, Londrina, v. 20 n. 2, p. 97-128, Jul./Dez. 2015.
- hooks, bell. **Feminist theory: from margin to center**. Boston: South End Press, 1984.

KYRILLOS, Gabriela M. **Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 28, n. 1, e 56509, 2020.

LORDE, Audre. **The collected poems of Audre Lorde.** W.W. Norton and Company Inc., 1997.

McCALL, Leslie. **The complexity of intersectionality.** Signs: Journal of Women in Culture and Society. Vol. 30, n.3, 2005.

PARKER J, SAMANTRAI R. 2010. **Interdisciplinarity and social justice: an introduction.** Revisioning Academic Accountability. Albany: SUNY Press. 2010.

PERRY, Keisha-Khan Y. **O legado político do Manifesto do Coletivo Combahee River.** Portal Geledés. 2020. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-legado-politico-do-manifesto-do-coletivo-combahee-river/>. Acesso em: 27 de set. de 2023.

TIBURI, Marcia. **Feminismo em comum.** Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018.

TOMLINSON B. **To tell the truth and not get trapped: desire, distance, and intersectionality at the scene of argument.** Signs 38: 993 –1017. 2013.

Recebido em (Received in): 14/11/2023.
Aceito em (Approved in): 28/03/2024.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).